



Universidade Federal  
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ALEXSANDRA FERREIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**CAJAZEIRAS – PB  
2014**

**ALESXANDRA FERREIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Loiola Sousa.

**CAJAZEIRAS – PB  
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

F383r Ferreira, Alesxandra

A representação do negro no livro didático: uma abordagem das relações étnico-raciais. / Alesxandra Ferreira. Cajazeiras, 2014.

36f. : il.

Bibliografia.

Orientador(a): Francisco das Chagas de Loiola Sousa.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Relações étnico-raciais. 2. Livro didático. 3. Lei nº 10.639/2003. 4. Identidade étnica. I. Sousa, Francisco das Chagas de Loiola. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –316.482.5(075)

**ALEXSANDRA FERREIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Aprovada em: 12/09/2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.º Dr. Francisco das Chagas de Loiola Sousa – orientador  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

---

Prof.ª Ma. Belijane Marques Feitosa  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

---

Prof.ª Dra. Geranilde Costa e Silva  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

A conquista dessa vitória dedico a minha mãe, pela força e incentivo que me proporcionou esse tempo todo para a concretização desse tão desejado sonho: minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelos feitos em minha vida: pela alegria de viver, por minha família, pelos meus amigos, pelo ar que respiro, pelo trabalho que ora concluo, pelos dons que me concedeu e pelas amizades que possibilitam o meu crescimento.

À minha mãe, Severina Ferreira, que sempre me incentivou e apoiou a prosseguir nesta caminhada em busca do conhecimento e de uma formação superior. Obrigada! Eu a amo.

Ao professor e orientador Francisco das Chagas de Loiola Sousa pelo incentivo, dedicação, paciência e criatividade com que me orientou. Muito obrigada!

As amigas minhas queridas Daniely Vidal, Fernanda de Souza, Maria de Lourdes Afonso, Josiane Dantas, Berta Suênia, Islany Kelvi, Risoneide, Ângela Gonzaga que estiveram presentes e assistiram de perto esta caminhada, o meu muito obrigada pela contribuição direta e indireta, pela atenção e incentivo.

Aos docentes do Centro de Formação Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) pelos ensinamentos compartilhados que resultaram e resultarão no meu crescimento pessoal e profissional, especialmente, a Risomar Alves dos Santos, Dorgival Gonçalves, Ane Cristina, Débia Suênia, Luciana Soares, Francisco das Chagas de Loiola, Elzanir dos Santos, Belijane Marques e Maria Janete de Lima, por terem contribuído de maneira significativa e afetuosa na minha trajetória acadêmica através dos conhecimentos teóricos e dos saberes, que cada um traz consigo, pelas experiências vivenciadas ao longo da vida. Conhecimentos e saberes que permearam minha formação docente de sentidos e busca por uma Educação pautada na ética, no respeito e no reconhecimento de uma sociedade formada por uma diversidade em todos os âmbitos.

A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

NELSON MANDELA

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema “A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”, o qual teve por objetivo analisar se os livros didáticos do ensino de história e língua portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede municipal de ensino em Cajazeiras/PB, estão abordando a temática da diversidade étnico-racial e como essa abordagem está contribuindo para a formação do educando com a implementação da Lei nº 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura Africana e Afro-brasileira no currículo escolar dos ensinos Fundamental e Médio, alterando assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, a qual buscou descrever e analisar os livros didáticos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com uma abordagem qualitativa, delimitando-se as disciplinas de Língua Portuguesa e História. A pesquisa realizada demonstrou que houve uma significativa transformação na forma como esses livros didáticos, especificamente os que foram utilizados na análise, vêm abordando a questão da imagem e das relações étnico-raciais, tal mudança é relevante para educação brasileira, já que vivemos em um país que é o segundo do mundo com maior número de negros. Mas ainda se percebe a necessidade de uma transformação mais concreta que venha a atender de fato o que reza a Lei nº 10.639/03, possibilitando assim, a erradicação da discriminação com relação à população negra nos livros didáticos que, muitas vezes, por representar o negro de forma negativa em relação ao branco ou, simplesmente, por não representá-lo, contribuindo assim para que o educando venha a compreender as diferenças étnico-raciais como aspectos negativos em nossa sociedade e, conseqüentemente, negar sua identidade étnica ao invés de valorizar e reconhecer a importância da história e da cultura de matriz africana para a formação da sociedade brasileira em todos os aspectos de sua construção.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais, livros didáticos, Lei nº 10.639/03, identidade étnica.



## ABSTRACT

The present work has as its theme "A REPRESENTATION OF THE NEGRO IN TEXTBOOK: AN APPROACH OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS", which aimed to examine whether the textbooks and history teaching English language in the early years of elementary school, the network municipal education in Cajazeiras / PB are addressing the issue of ethnic and racial diversity and how this approach is contributing to the education of the student with the implementation of Law No. 10,639 / 03, establishing the compulsory teaching of African history and culture and african-Brazilian in the curriculum of primary and secondary teaching, thus changing the Law of Directives and Bases of Education No. 9394/96. This research is bibliographical, which sought to describe and analyze the textbooks from 1st to 5th grade of elementary school, with a qualitative approach, delimiting the disciplines of Portuguese Language and History. The survey showed that there was a significant transformation in the way these textbooks, specifically those used in the analysis are addressing the issue of image and ethnic-racial relations, such a change is relevant to Brazilian education, since we live in a country that is the world's second largest number of blacks. But still realize the need for a more concrete transformation that will cater for the fact that prays Law No. 10,639 / 03, thus enabling the elimination of discrimination in respect of the black population in textbooks that often, because it represents the black negatively compared to white or simply not to represent him, thus helping the student will understand the ethnic and racial differences as negative aspects in our society and thus deny their ethnic identity rather than value and recognize the importance of history and culture of African origin in the formation of Brazilian society in all aspects of its construction.

**Keywords:** ethnic-racial relations, textbooks, Law No. 10,639 / 03, ethnic identity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. CONTRIBUIÇÕES DO CONHECIMENTO ÉTNICO-RACIAL PARA A FORMACÇÃO DO EDUCANDO .....</b>	<b>13</b>
2.1 A implementação da Lei 10.639/03 e os desafios instituídos para a efetivação das relações étnico-raciais na escola.....	14
<b>3. OS LIVROS DIDÁTICOS E A LEI 10.639/03 .....</b>	<b>16</b>
<b>4. AS QUESTÕES ÉTNICORRACIAIS E O LIVRO DIDÁTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>19</b>
4.1. A cultura negra no livro de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	20
4.2 A cultura negra no livro de língua portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental .	29
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente tema surgiu durante a realização da disciplina Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando percebemos que a imagem do negro aparece nos livros didáticos ainda em situações negativas, de subserviência e maus tratos, o que vem reforçar o preconceito com o grupo negro, sendo visto sempre como inferior às demais etnias.

Outro motivo relevante para a escolha e pesquisa sobre a temática ora abordada é o fato de eu ser negra e perceber que vivemos em um país multiétnico e pluricultural, mas que ainda discrimina sua população negra de forma cruel e desumana, através da desvalorização da cultura de matriz africana como também dos traços físicos herdados pelos descendentes de africanos.

Além da motivação acima citada, o presente tema apresenta um elo com a Lei 10.639/2003, que assegura o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares, em estabelecimentos de ensino públicos e privados da educação básica. Apesar do que essa Lei, determina a maioria dos livros didáticos ainda não contempla os conteúdos por ela propostos, como foi possível perceber durante a realização do referido estágio.

A obrigatoriedade da inclusão do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, pela Lei 10.639/03, nos currículos da Educação Básica tem como objetivo ampliar as discussões e os projetos pedagógicos que promovam a igualdade racial e a construção de uma educação antirracista. No entanto, o ensino da história e da cultura negra tem ainda encontrado muitos obstáculos e resistências para a sua implementação nos currículos escolares, no tocante às Secretarias de Educação do Estado e Municípios, bem como das escolas e com os professores (GOMES, 2010).

Nessa perspectiva, sentimos a necessidade de investigar como o negro está representado no livro didático a partir de uma abordagem das relações étnico-raciais. Devido à relevância social e científica dessa abordagem, pois necessitamos de uma formação escolar que possibilite a criança, desde a Educação Infantil, conhecer e conviver com a diversidade cultural, racial, social e religiosa de outras crianças, que levará a uma convivência social respeitosa, em face do preconceito racial. Esse preconceito, que não é algo nato ao ser humano como também não é restrito ao ambiente escolar tem, muitas vezes, a sua origem no próprio ambiente familiar.

Nesse sentido, educar homens e mulheres para a igualdade racial é uma função tanto da escola quanto da família. Nesse processo, a escola tem um papel preponderante a desempenhar no que se refere a possibilitar a erradicação das discriminações e da superação do racismo, isso porque é nesse espaço educacional que pode ocorrer a convivência respeitosa entre crianças de origem e nível socioeconômicos diferentes, com costumes e crenças religiosas também diferenciadas.

Pretendemos com essa pesquisa saber como está sendo abordada a temática étnico-racial nos livros didáticos do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Cajazeiras.

Diante dessa inquietação, pretendemos saber como os livros didáticos do Ensino Fundamental I, especialmente os livros de Língua Portuguesa e História adotados pela rede municipal de ensino de Cajazeiras, vêm abordando as relações étnico-raciais. Ou seja, como esses livros estão abordando a temática da diversidade étnico-racial e como essa abordagem está contribuindo para a formação do educando, especialmente em relação à Lei 10.639/2003 na busca da efetivação das relações étnico-raciais.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, a qual buscou descrever e analisar dados encontrados nos livros didáticos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, numa abordagem qualitativa, delimitando-se as disciplinas de Língua Portuguesa e História. A escolha dessas duas áreas do conhecimento para fazer a análise fundamenta-se na obrigatoriedade da Lei 10.639/03 que institui o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira em todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Os livros foram editados no período de 2008 a 2012 e adotados nas escolas públicas municipais da cidade de Cajazeiras.

Alguns autores fundamentaram a nossa investigação, a exemplo de Bento e Carone (2009); Cavalleiro (2000); Fernandes (2005); Gomes (2001, 2010); Silva (1995), dentre outras referências relevantes para a temática em questão, como também os próprios livros didáticos que serviram de base para essa pesquisa.

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo estão algumas considerações sobre as contribuições da diversidade étnico-racial para a formação do educando, com um subitem que faz uma breve abordagem no tocante a implementação da Lei 10.639/03 e os desafios instituídos para a efetivação das relações étnico-raciais na escola. O segundo capítulo vem tratar dos livros didáticos e a Lei 10.639/03, trazendo uma breve explanação da influência dos livros didáticos nas relações étnico-raciais e a aplicabilidade da lei no currículo escolar. No terceiro e último capítulo são apresentadas as análises dos livros

didáticos de História e Língua Portuguesa, nos quais se buscou identificar como está sendo abordada a imagem do negro e a educação para as relações étnico-raciais.

E, por fim, as considerações referentes ao trabalho desenvolvido com a pesquisa em nove livros didáticos do Ensino Fundamental procurando problematizar a maneira como estes materiais, quase que único para os professores e alunos, principalmente da rede pública municipal, estão abordando a imagem do negro e as relações étnico-raciais.

## **2. CONTRIBUIÇÕES DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL PARA A FORMAÇÃO DO EDUCANDO**

Vivemos em um país onde a população é de maioria negra (de acordo com o censo do IBGE de 2010), o que nos constitui numa sociedade multicultural e pluriétnica. Ainda assim, percebemos o descaso e o desprezo com a história e a cultura de matriz africana e afro-brasileira dado pela sociedade brasileira através da invisibilidade para tal diversidade cultural e racial.

Dentro do contexto da sociedade brasileira, a escola entendida como uma instituição social fundamental no processo de formação e socialização do indivíduo que agrega as relações étnico-raciais, o que a torna um espaço privilegiado para a construção de uma educação cidadã baseada no respeito à diversidade, primando pela equidade racial. A respeito disso, Gomes (2010, p. 69) afirma:

[...] a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. [...]

No entanto, a escola atual, muitas vezes, desconhece e desqualifica a imensa diversidade cultural, racial, social, de crenças e identidades culturais encontradas em seu interior. Nessa perspectiva, “é preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, encontra-se inadequada à população negra e pobre deste país. Nesse sentido, não há como negar o quanto o seu caráter é excludente” (GOMES, 2001, p. 85-86).

Diante do exposto, é visível que a instituição escolar atual ainda necessita repensar e transformar a sua estrutura, currículo, conteúdo, e, conseqüentemente, os seus espaços escolares, tornando-os mais inclusivos e democráticos. Mas, para que haja tal transformação na educação escolar, a mesma precisa de apoio e parcerias com outros setores da sociedade civil, principalmente, da família a qual, juntamente com a escola, poderá promover e garantir uma educação pautada no respeito às diferenças e ao diferente, uma educação que possa promover a igualdade racial e a eliminação de qualquer forma de discriminação e racismo, ao possibilitar uma convivência sociocultural dos educandos com costumes, crenças, classes, sexos, raças e culturas diferenciadas. Dentro desse contexto, Cavalleiro (2000, p. 13) afirma que:

Escola e família, juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade social construída sob “ideologias”, como o “mito da democracia racial”. Somente uma discussão profunda dos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação pode concorrer para a transformação da sociedade.

Dessa forma, essa convivência sociocultural no ambiente escolar estará contribuindo para a construção das identidades sociais dos sujeitos, enfatizando aqui a identidade racial. Sendo assim, educar crianças, adolescentes e jovens para a promoção da igualdade racial e o combate ao preconceito é uma função tanto da escola quanto da família.

## 2.1 A implementação da Lei 10.639/03 e os desafios instituídos para a efetivação das relações étnico-raciais na escola

A implementação da Lei 10.639/03 foi e é um relevante mecanismo de valorização da Cultura Africana e Afro-brasileira, pois instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, nas redes de ensino públicas e privadas do Brasil.

A cultura afro-brasileira é um importante legado que os afrodescendentes nos deixaram, como as danças, as comidas, as vestimentas, a religiosidade, enfim sua cultura. No tocante ao legado religioso do povo africano para a cultura brasileira, destacamos as religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, que ainda hoje são alvos de preconceito.

A presença da cultura negra nos livros didáticos se restringe ainda às datas comemorativas, a exemplo da data da abolição da escravatura, dia 13 de maio, e do dia 20 de novembro, que é o dia nacional da consciência negra. São datas bem pontuais e não se tem conhecimento de um projeto para desenvolver atividades relacionadas à cultura negra para todo o ano letivo.

Alguns aspectos da cultura negra são reconhecidos socialmente e, de certo modo, valorizados, a exemplo da capoeira, do samba por serem identificados como elementos constituintes da cultura nacional. Por outro lado, o candomblé, uma religião de matriz africana, e a umbanda região de matriz afro-brasileira não são vistas pela mídia com a mesma receptividade, devido ao preconceito e a falta de conhecimento que algumas pessoas possuem no tocante ao legado religioso deixado pelos povos africanos à sociedade brasileira.

Gomes (2010) fala dos aspectos positivos da Lei 10.639/03, que consiste nas políticas de ação afirmativa e conseqüentemente na inserção do negro nos setores sociais, antes

excluídos, promovendo, assim, oportunidades iguais para esse grupo étnico-racial que durante muito tempo foi marginalizado pela sociedade. Nós temos uma sociedade multirracial e pluricultural. A diversidade da cultura africana e afro-brasileira, muitas vezes, é desconsiderada e /ou desvalorizada. O tratamento dado aos diferentes segmentos raciais, branco, índio, negro é desigual em nossa sociedade; claro que devemos dar também importância às demais culturas, como a indígena e a própria cultura europeia, que fazem parte da cultura brasileira.

A cultura negra em nossa sociedade e na escola, em particular, não é trabalhada de forma mais ampla. Não há maiores indagações sobre a história dos negros no Brasil: quem foram essas pessoas? Como elas vieram para o Brasil? Será que elas vieram para o Brasil porque quiseram? Por que ocorreu a escravidão dos negros aqui no Brasil e em outros países? O que sabemos da África?

Historicamente, prevaleceu em nossa sociedade a cultura europeia do homem branco que desse contexto emergiu a questão da “branquitude”. A qual refere-se, segundo Bento (2009), aos aspectos da identidade racial do branco brasileiro numa dimensão subjetiva, construída no contexto das relações de poder e raciais. E ainda de acordo com a autora, a “branquitude” é tomada como padrão de referência de toda uma espécie em detrimento a outros segmentos raciais e culturais do nosso país.

Ainda, nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana relata que:

Convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática. (2005, p.14).

Na perspectiva da Lei 10.639/03, esse debate deve acontecer em todos os âmbitos da sociedade, não somente no ambiente escolar, para promover uma educação ou reeducação das relações étnico-raciais para uma convivência pacífica entre brancos e negros, pautada no respeito às diferenças e ao diferente para a construção de uma sociedade justa, democrática, equânime.





### 3. OS LIVROS DIDÁTICOS E A LEI 10.639/03

Nos livros didáticos, de modo geral, a participação da cultura negra ainda é encontrada de forma muito superficial. A figura da criança negra, por exemplo, não se apresenta associada a uma estrutura familiar. O negro aparece mais em situações coletivas ou sozinho. Com outras crianças dançando ou isoladas. Fica, portanto, a indagação: de onde vem essa criança? Ela tem uma família?

Essas imagens da cultura negra interferem na questão curricular. Nos livros didáticos, a África “real” é desconhecida. O que, muitas vezes, aparece são estereótipos de um continente, por um lado, de miséria, de pobreza, de fome, de doenças e por outro, a África é vista como um Continente exuberante, com uma diversidade de animais selvagens, exóticos, que muitas vezes se confundem com os próprios habitantes, ou seja, com as tribos mais isoladas daquele território.

Nesse sentido, o potencial econômico, político, artístico, cultural da África não é destacado nos programas curriculares das escolas ou mesmo da mídia brasileira.

Nesta perspectiva, a Lei 10.639/03 possibilita a mudança no currículo escolar, no sentido dos educandos conhecerem melhor essa história, que faz parte da história brasileira, diante da diversidade étnico-racial e equilibrar a organização e a distribuição dos conteúdos curriculares: como organizar esses conteúdos? Como fazer sua distribuição no ensino básico? Como fazer a formação continuada dos professores para trabalhar esses conteúdos? São conteúdos que antes não faziam parte dos currículos das escolas e das universidades. A cultura africana e a cultura afro-brasileira, o legado que ela nos deixou: como fazer essa implantação nos currículos escolares de forma mais efetiva?

Essas questões também devem ser uma pauta constante da categoria docente para que, de fato, essa Lei ganhe efetividade no sistema de ensino brasileiro. Se a categoria docente luta por tantas outras causas por que não lutar pela implementação dessa Lei?

Essas questões não devem ser uma luta e uma reivindicação exclusiva dos negros ou dos movimentos negros, mas sim da escola e de toda a sociedade brasileira. É, sobretudo, uma luta pelo reconhecimento da importância da cultura negra na nossa história e da valorização da cultura de matriz africana. Sendo esse o contexto que emerge a Lei; o conhecimento da nossa história e herança africana e reconhecendo sua relevância para o processo de formação dos sujeitos socioculturais e não deixá-la à margem dos programas curriculares das escolas (GOMES, 2010).

Essa luta é também para construir ou reconstruir uma imagem positiva do negro e da cultura negra no Brasil, porque muitas vezes a criança negra não se identifica como negra, porque a imagem do negro é construída de forma pejorativa, negativa, marginalizada, que faz com que a criança não se reconheça com tal, gerando afirmações como: “eu sou parda”, “eu sou morena”, “sou mulata”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena- a cor da população brasileira. [...]. É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. [...]. (2005, p.15).

Nesse sentido, é possível que pessoas negras venham a negar seu pertencimento étnico diante da discriminação que são submetidas na sociedade brasileira perpassando, também, pela ideologia do branqueamento que disseminava a superioridade do branco e tido como modelo de ser humano para outros grupos raciais não-brancos e, por isso encarados como não tão humanos (BENTO, 2009).

Dessa forma, a escola também não pode ficar sozinha nessa luta para implementação da Lei 10.639/03 e a valorização da cultura de matriz africana. Temos que contar com o apoio do Ministério da Educação, das secretarias estaduais e municipais de educação e dos diversos segmentos políticos do país.

Essa ampla luta se faz necessária para promover uma educação que venha fomentar essa questão do conhecimento da cultura africana e afro-brasileira e, ao mesmo tempo, fomentar a formação docente no âmbito das propostas pedagógicas, no âmbito local e nacional, que irá para além das abordagens pontuais, a exemplo das datas comemorativas nacionais. Esse legado cultural, que nos foi deixado, tem que fazer parte do currículo escolar, de forma que as pessoas possam ter uma reflexão permanente e promovam debates nas escolas e universidades sobre a questão do negro no Brasil. Assim, possibilitaremos que os

alunos estudem, discutam, pesquisem e façam análises políticas sobre as ações afirmativas do negro, a exemplo das cotas nas universidades e, mais recentemente, nos concursos públicos.

Essa Lei, na perspectiva de Gomes (2001), é ao mesmo tempo afirmativa e reparadora em relação a esse povo que tem sido historicamente excluído social, política, religiosa e economicamente em nosso país.

No Brasil tivemos a abolição da escravatura, pela Lei Áurea em 1888, a qual libertou todos os escravos. Mas não foram dadas condições, aos negros, de igualdade com os brancos na sociedade. Os quais se encontraram em uma situação de exclusão na sociedade brasileira, sem acesso a trabalho, à educação e a outros bens sociais, o que levou muitos negros a pedir ao seu antigo senhor para continuar na condição de escravo. Portanto, ficaram à margem da sociedade, sem nenhuma perspectiva, em princípio, de uma vida digna.

#### **4. A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O LIVRO DIDÁTICO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A educação para as relações étnico-raciais, tema deste trabalho monográfico, procura analisar como os livros didáticos do ensino fundamental vem abordando tais relações em suas imagens e conteúdos, ou seja, como pedagogicamente a questão da diversidade no ambiente escolar é tratada no livro didático, dando destaque especial para os aspectos da cultura negra. Nesta perspectiva, Nilma Lino Gomes (2001, p. 85-86), comenta que:

O aprofundamento dessas questões aponta para a necessidade de repensar a estrutura, os currículos, os tempos e os espaços escolares. É preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, encontra-se inadequada à população negra e pobre deste país. Nesse sentido, não há como negar o quanto o seu caráter é excludente.

A autora está retratando aqui como essas questões, que devem ser trabalhadas no ambiente escolar, não encontram lugar para tal porque a escola brasileira encontra-se ainda inadequada para tratar a questão da diversidade.

Muitas vezes, o negro ingressa na escola e não encontra condições para permanecer. Entrar na escola é fácil, agora permanecer na escola brasileira que nós temos não é fácil, porque requer toda uma estrutura financeira, familiar, social voltada para a ambientação do educando negro. Daí, ocorre à evasão pelo caráter excludente da escola brasileira.

A escola precisa reconhecer e considerar essas questões da diversidade desses sujeitos e da sua condição social, porque a escola, apesar do seu caráter excludente, é o lugar privilegiado para que esses sujeitos possam buscar conhecimentos e respeito em relação às diferenças e/ou diversidades sociais e, com isso, possibilitar a inserção do negro na sociedade de forma a tornar positiva e afirmativa a cultura africana e afro-brasileira.

Fernandes (2005) argumenta que o mercado editorial não contempla essa diversidade étnico-racial, não valorizando essa riqueza étnico-cultural que o povo negro nos deixou.

A cultura afro-brasileira precisa ser reconhecida para que tenhamos uma educação cidadã, democrática, para que os sujeitos possam conhecer suas origens de matriz africana, da nossa formação cultural, de modo a sanar ou amenizar as desigualdades raciais.

#### 4.1 A cultura negra no livro de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental

A partir de agora iremos realizar uma breve análise de como a cultura negra é apresentada nos livros de história adotados na rede pública do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, na região de Cajazeiras/PB. Nessa área do conhecimento não está disponibilizado o livro do 1º ano, por esta razão começamos a análise a partir do livro do 2º ano.

No livro do 2º ano, percebemos a abordagem das relações étnico-raciais sendo problematizada no capítulo intitulado: “Cada um do seu jeito”, o qual apresenta um poema ilustrado com imagens de crianças de etnias diferenciadas, enfatizando as diferenças que formam a nossa cultura (p.8). Destacamos um trecho do poema intitulado: “Aprendendo sobre as diferenças”:

*O João é moreninho*

*A Amanda negrinha*

*O Davi é branquinho*

*E o Lucas Pimentinha*

[...]

Diante dos termos utilizados para classificar as crianças, citadas no trecho do poema, de acordo com sua cor, Cavalleiro (2001, p.156) afirma:

Precisamos entender que a criança negra não é “moreninha”, “marronzinha”, nem “pretinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluídas das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de “moreninha” para disfarçar a sua negritude é cuidar para que ela receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo.

Ainda sobre o livro de história do 2º ano, no capítulo 6 intitulado “Direitos – uma questão de cidadania” (p. 71), esse capítulo traz um breve histórico dos direitos das crianças, enfatizando que toda criança tem direito à educação, ao lazer, à alimentação, à moradia e à assistência médica adequada, independentemente do seu pertencimento étnico. Como relata um trecho do texto de abertura do referido capítulo (p.71): *Menino, menina; alta, magra, gorda, baixa; negra, branca, amarela; católica, evangélica, umbandista; brasileira, africana,*

*coreana... Não importa o sexo, a cor, a religião, a nacionalidade: criança é criança em qualquer lugar do planeta! [...].*

Nesse contexto dos direitos das crianças, o livro traz uma imagem muito interessante, que retrata uma criança negra sendo vacinada durante uma campanha de vacinação contra a poliomielite, em São Paulo no ano de 1998.

**Figura 1**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MARTINS, Dora, PÉCORÁ, Marlene, VESENTINI, J. William. Aprendendo sempre. História 2º ano. São Paulo: Ática, 2012, 5ª impressão.

Ainda no livro do 2º ano, em sua parte final, denominada “Minha Agenda” (p.89), que se refere às datas comemorativas de cada mês do nosso país. Aqui se faz alusão à questão do negro da seguinte forma: no mês de maio ele retrata o dia da abolição da escravatura, que é o dia 13 de maio. Mas também retrata outras datas comemorativas deste mês, como o dia do trabalho. Esse livro também cita uma data que, até então, não era divulgada que é o dia 7 de julho, Dia Nacional de Luta contra o Racismo.

Outra data também marcante, em destaque no livro, é o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Há um texto de um parágrafo que fala da importância desse dia, sobre como foi instituído, em homenagem a Zumbi dos Palmares, sendo esta data o dia de sua morte, no ano de 1695. O texto fala que Zumbi foi o líder do Quilombo dos Palmares, o que justifica o porquê da escolha dessa data.

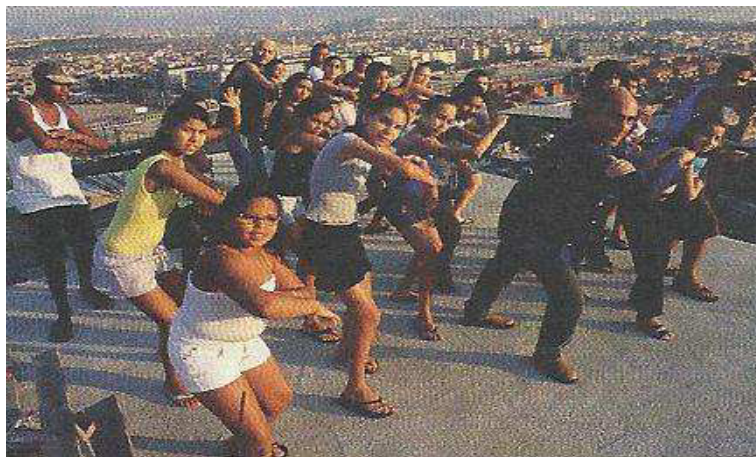
Nessa mesma página do livro (p.102), retratando o mês de novembro, que destaca os afrodescendentes em uma manifestação em que eles carregam cartazes e adesivos se manifestando contra a discriminação em shopping, na cidade do Rio de Janeiro, em julho de

2001. Essa página do livro mostra a imagem de um homem negro colando um adesivo numa loja, com a seguinte frase: “*NÃO COMPRE em lojas que discriminam NEGROS*”.

Tal episódio pode promover, através dessa imagem, uma discussão em torno da questão do racismo, da discriminação racial na sociedade brasileira em sala de aula. Nesse sentido, a educação formal passa ter uma grande importância na formação de cidadãos críticos, autônomos e conhecedores de sua história e de seus direitos para a construção de uma sociedade mais justa, democrática, igualitária, solidária e livre de todos os preconceitos (CAVALLEIRO, 2001).

Há também outra figura panorâmica de uma favela que retrata a imagem de crianças e adolescentes, a maioria negra, ensaiando uma dançando. A qual faz parte de um projeto de uma Organização Não Governamental (ONG) que proporciona lazer para as crianças daquele lugar, muitas vezes, esquecido pelo poder público, como é caso das favelas.

**Figura 2**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MARTINS, Dora, PÉCOR, Marlene, VESENTINI, J. William. Aprendendo sempre. História 2º ano. São Paulo: Ática, 2012, 5ª impressão.

Esse livro do 2º ano aborda, ainda no capítulo 6, uma temática denominada “Outros lugares, outras crianças” (p.76), que traz histórias de crianças de países africanos, como as do Egito, praticando a leitura. A Costa do Marfim, no oeste da África, também apresenta uma campanha denominada “*De volta à escola*” isso porque milhares de crianças deixaram de frequentar a escola devido à guerra nesse país africano. É interessante que esse livro de história do 2º ano aborda assuntos referentes à cultura dos países africanos, como o Egito e a Costa do Marfim. Há também relatos da situação de crianças refugiadas de países africanos, como o Sudão.



No livro de história do 3º ano do ensino fundamental mostra outros aspectos da cultura negra, como uma cena de crianças praticando a capoeira, que é uma dança de origem africana. Esse também dá bastante destaque à cultura indígena.

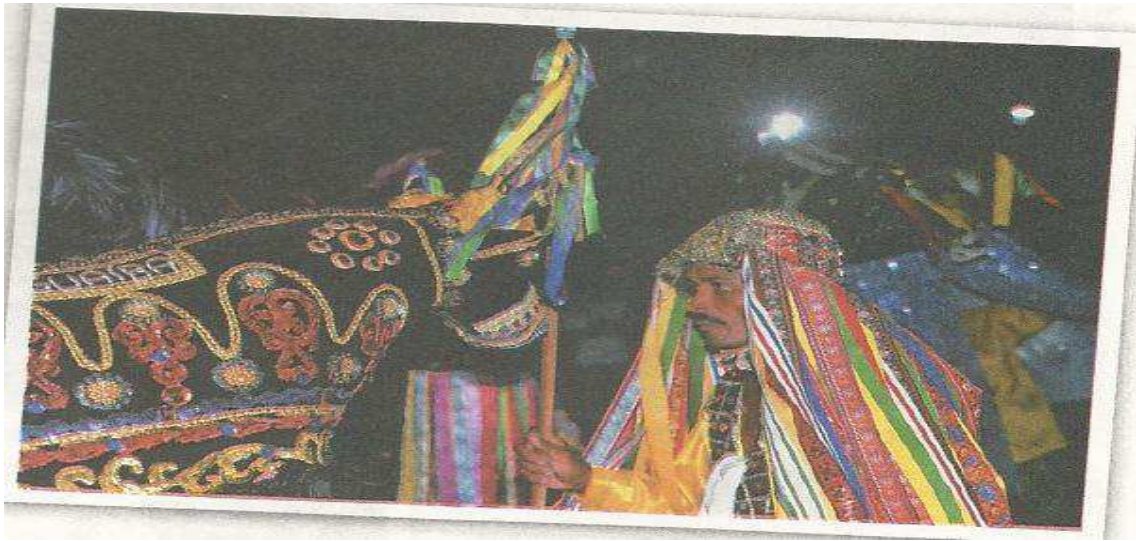
No tópico, “O povo fazendo festa”, no capítulo 4 do livro de história 3º, que aborda as festas tradicionais da cultura popular. Essa imagem mostra as mulheres vestidas de branco lavando as escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador. Podemos dizer que essa imagem faz menção ao candomblé, religião de matriz africana. Nessa festa, o povo canta, dança e agradece ao padroeiro às graças recebidas durante o ano. É uma imagem que retrata a festa do ano de 2006.

**Figura 3**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: VESENTINI, J. William *et al.* Aprendendo sempre. História 3º ano. São Paulo: Ática, 2008.

Em outra ilustração retrata a história do boi, que é um dos personagens mais tradicionais das festas culturais brasileiras. Embora seja uma festa de origem europeia, essa festa incorpora elementos da cultura africana e da cultura indígena. A imagem destaca a festa do “Bumba meu boi” em São Luís, Maranhão no ano de 2002.

**Figura 4**

**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: VESENTINI, J. William *et al.* Aprendendo sempre. História 3º ano. São Paulo: Ática, 2008.

Em outra situação, o livro aborda o tema “Os jogos de cada povo” onde mostra um jogo chamado de *yoté* praticado por uma tribo no Senegal, que é um tipo de jogo muito importante para essa tribo, o qual é passado de geração em geração. Consideramos isso interessante para que possamos conhecer e valorizar práticas culturais de outros povos e, assim, podermos até adaptar esse jogo para as crianças do nosso país.

Assim, percebemos que os livros didáticos estão procurando mudar a imagem do negro no Brasil ao apresentar uma imagem positiva da criança negra. Nesse livro do 3º ano tem uma imagem, geralmente rara, de uma família negra, a mãe lendo para o filho.

**Figura 5**

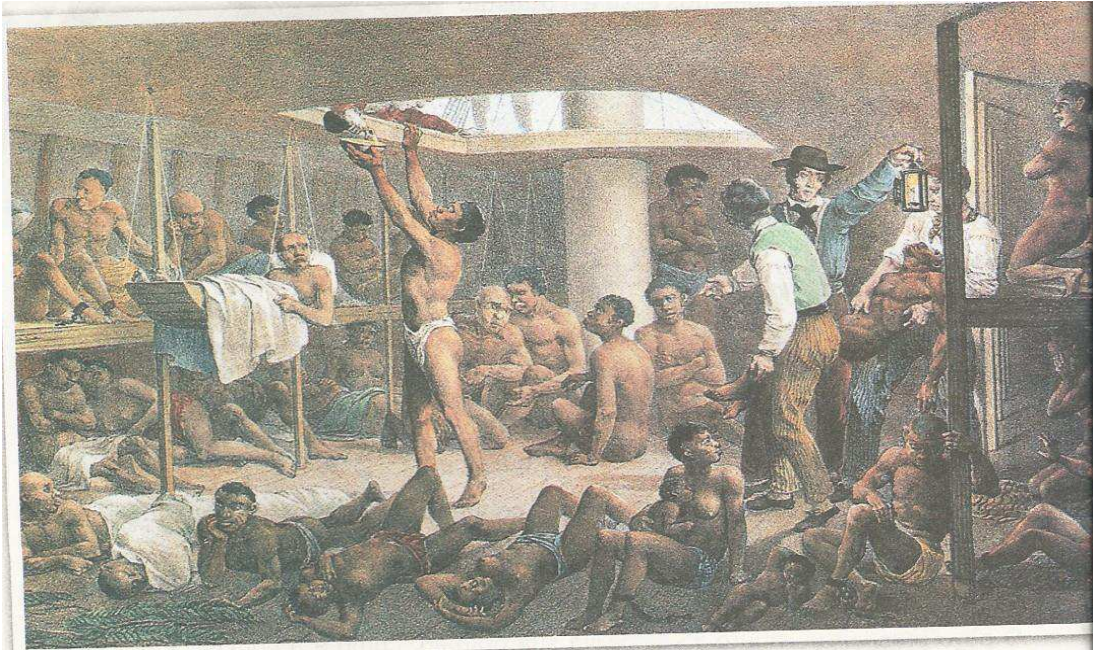
**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MARTINS, Dora, PÉCORÁ, Marlene, VESENTINI, J. William. *Aprendendo sempre. História 3º ano.* São Paulo: Ática, 2010.

No livro de história do 4º ano do Ensino Fundamental destacamos o capítulo 5 intitulado: “Gente que fez o Brasil”, que ressalta a cultura negra. Este capítulo é composto por vários tópicos: os africanos no Brasil, o trabalho escravo, a vida nos quilombos, as contribuições da cultura africana e o Brasil dos imigrantes.

Nesse livro também apresenta aspectos da cultura negra na música, como o *rap* e o *blues*, trazendo em suas letras um caráter de denúncia, revolta, dor e resistência diante de um histórico de exclusão vivenciado pelos negros. Desse modo, esse livro procura mostrar de forma positiva a cultura negra. Além disso, enfatiza outros povos que contribuíram para a formação e a cultura do povo brasileiro.

Fala da longa viagem que os africanos fizeram para o Brasil, e como foi feito esse trajeto, da forma desumana que eles vieram para o nosso país, dentro de porões dos navios negreiros, quando muitos morriam nesse trajeto de doenças. O livro mostra uma imagem dos negros amontoados nos navios negreiros, é um quadro pintado por Rugendas, de 1835.

**Figura 6**

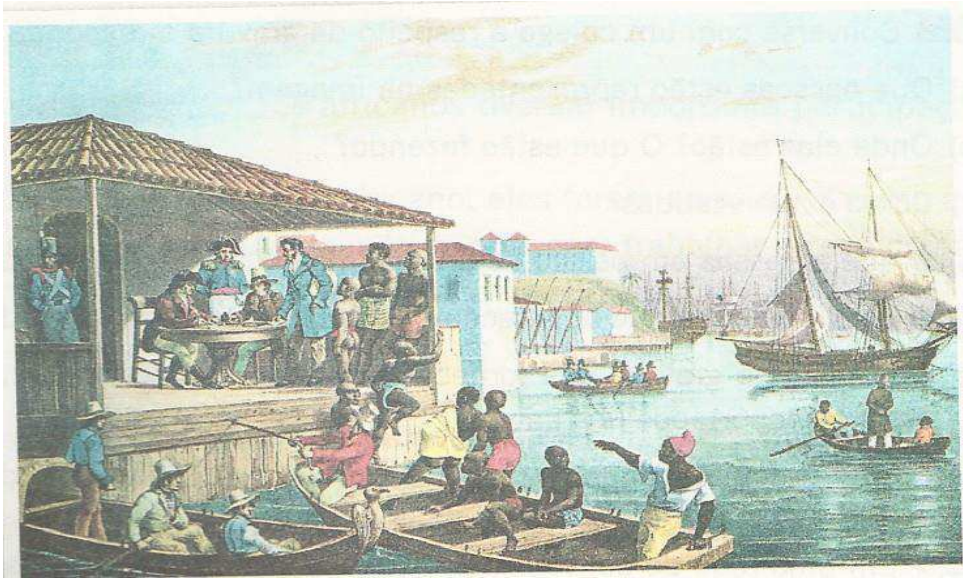


**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: VESENTINI, J. William *et al.* Aprendendo sempre. História 4º ano. São Paulo: Ática, 2008.

O livro fala também das várias nações que vieram para o Brasil e outros países da América, porque os povos que vieram da África, das várias nações: mina, cabinda, moçambique, benguela, congo, angola, entre outras. Eram povos que falavam línguas diferentes, tinham tradições diferenciadas de umas para outras tribos. E nessa vinda deles para o Brasil, todas as famílias eram desfeitas, filhos, irmãos, pais, mães eram separados porque iam para países diferentes. Há, portanto, a destruição da estrutura familiar com a escravização dos negros.

O livro também menciona a captura desses povos africanos, separados pai, mãe e filhos e vendidos aos europeus, os quais eram levados a diferentes partes do mundo e nunca mais tinham oportunidades de se ver, dos familiares se encontrarem.

Há também outra pintura de Rugendas retratando o desembarque dos negros africanos aqui no Brasil.

**Figura 7**

**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MARTINS, Dora, PÉCORÁ, Marlene, VESENTINI, J. William. Aprendendo sempre. História 4º ano. São Paulo: Ática, 2010.

O livro aborda também que os escravos eram expostos como mercadorias. O negro, naquela época, não era visto como ser humano, estando à venda como uma mercadoria, olhavam-se os dentes para avaliar sua saúde e eram expostos para os senhores comprarem para trabalharem como escravos nos campos, na produção da cana de açúcar, na colheita e nos engenhos. Eles eram obrigados a trabalhar arduamente.

Há também menção, no livro, ao trabalho escravo nas cidades onde naquela época, havia mais escravos do que homens livres. Trabalhavam nas residências dos senhores, como as mucamas, os criados e as amas de leite.

Há, por fim, um tópico no livro sobre a escravidão no mundo, nas regiões onde os colonizadores europeus utilizaram os trabalhos escravos, como a América do Norte, América Central e América do Sul. Trata também dos castigos e das penalidades a que os escravos eram submetidos. Essa violência passou a fazer parte da vida cotidiana do povo escravizado. E quando eles fugiam e havia resistência esses castigos eram aplicados com mais intensidade.

Esse capítulo do livro do 4º ano retratou um pouco de toda essa trajetória do negro no Brasil, a vida nos quilombos, no período da escravidão, suas resistências no período da escravidão. Quilombos eram lugares constituídos por várias vilas, onde moravam muitos negros foragidos, assim como brancos e indígenas (MARTINS *et al.*, 2010). Enfatiza-se que o mais famoso dos quilombos foi o de Palmares liderado por Zumbi.

Sobre as contribuições da cultura africana, destaca-se que o negro “talvez” seja o elemento que trouxe maior contribuição para a formação da cultura brasileira, uma vez que as

suas contribuições foram em vários âmbitos: na língua, na culinária, na dança, nas crenças, etc.

O livro de história do 5º ano está organizado em 16 capítulos, sendo que destes 3 capítulos são dedicados à cultura do povo de origem africana. É o capítulo 6, capítulo 7 e o capítulo 13.

O capítulo 6 vem com o título: “A gente que veio da África”. Este capítulo fala da chegada dos povos africanos aqui no Brasil, da vida na casa grande e nas senzalas. Já o capítulo 7, intitulado “A gente escrava resistiu à escravidão”, trata da resistência, da luta para ter direitos, dos castigos, das fugas, da criação dos quilombos. E o capítulo 13 traz como tema “A gente do café e o fim da escravidão”, que fala do reinado do café no Brasil, da sociedade cafeeira e do fim da escravidão.

No capítulo sete do livro de história, ainda do 5º ano, destacamos na seção intitulada “Iguais perante a lei”, que trata um pouco do que reza a Constituição brasileira de 1988, no que tange ao racismo, ao preconceito e a discriminação racial. Encontram-se neste capítulo, informações das comunidades quilombolas, sobre sua regulamentação através do Decreto nº 4.887 de 2003, dando assim aos remanescentes das comunidades quilombolas a posse da terra onde vivem. Essa seção do livro é ilustrada com uma imagem de uma família quilombola de Alto Alegre, município de Horizonte, Ceará, em 2007.

**Figura 8**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MARTINS, Dora, PÉCORA, Marlene, VESENTINI, J. William. Aprendendo sempre. História 5º ano. São Paulo: Ática, 2012, 6ª impressão.

## 4.2 A cultura negra no livro de língua portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental

O livro de língua portuguesa do 1º ano do Ensino Fundamental intitulado “Letramento e Alfabetização Linguística”, é composto por 8 unidades, sendo que cada unidade possui 2 capítulos. Esse livro é muito sucinto, não traz quase nada sobre a cultura africana ou sobre as relações étnico-raciais. Não trazendo nada muito aprofundado sobre a cultura negra, embora apresente pessoas de várias etnias. Na unidade 3, que se intitula “Quem está falando”, temos uma figura representando a nossa diversidade, pessoas de várias etnias, pessoas com deficiência física, cadeirante, deficiente visual, crianças negras, adultos negros. Essa ilustração traz a diversidade brasileira.

Já na página 85, temos imagem de animais originários do continente africano, como o elefante e o leão, que são animais encontrados na selva africana. O docente, ao trabalhar essas imagens, pode falar da origem desses animais para as crianças e do próprio continente africano.

Esse livro tem uma sessão que trata da convivência, na qual tem um título: “Viva a diferença”. Essa seção fala da diversidade que é encontrada em nosso país, é ilustrada através de um poema que trata da diversidade, acrescido de uma figura mostrando pessoas de várias etnias e com deficiência física.

**Figura 9**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: PRADO, Angelica; HÜLLE, Cristina. **Projeto Prosa:** letramento e alfabetização linguística, 1º ano. São Paulo: Saraiva, 2008.

Nessa seção, a criança pode perceber que há pessoas diferentes dela, que existem pessoas diferentes umas das outras. Na página seguinte a esse poema, o livro traz uma atividade fazendo alusão a esse poema, que pode ser melhor explorado através dessa atividade.

No livro do 2º ano do Ensino Fundamental, intitulado “Letramento e Alfabetização Linguística”, procura aprofundar mais a reflexão sobre as questões étnico-raciais se compararmos ao livro do 1º ano. Mas também não aborda muitos temas sobre a cultura afro-brasileira ou africana.

A esse respeito, destaca-se o folclore, na unidade 6, intitulado: “Você conhece as lendas brasileiras?” Nessa unidade o livro apresenta um pouco da cultura africana ou faz alusão ao negro. Por exemplo, tem um texto que fala sobre “Os sonhos do saci”. Há uma figura do saci, representando uma criança negra, deficiente (somente uma perna). O texto indaga: “Quem é o saci?” E fala desse personagem folclórico que, embora seja negro, afirma que “O saci pererê tem sua origem em Portugal”. Continuando, afirma: “É um moleque negrinho, de olhos vermelhos com uma perna só” (p.164). Embora o saci tenha essas características, seu pertencimento é a um país europeu e não a um país africano. Como afirma um trecho do texto “Saci-Pererê” de Xavier (1997, apud Prado; Hülle, 2008, p.164):

O Saci-Pererê tem sua origem em Portugal. É um moleque neguinho, de olhos vermelhos, com uma perna só. Vive pelado e não se separa do seu cachimbo. Usa na cabeça uma carapuça vermelha, na qual está depositado todo o seu poder sobrenatural. [...]

Nesse livro, a cultura africana e afro-brasileira aparece através do folclore: as danças regionais, a culinária, o artesanato, as canções populares, as lendas, as tradições e os costumes, na quais temos vestígios da cultura africana.

Esse livro, no geral, apresenta cultura negra de maneira superficial. Porém retratam imagens de crianças negras em situações coletivas, com o fardamento da escola, com os amiguinhos.



No livro do 3º ano do Ensino Fundamental, destacam-se duas situações. A primeira intitulada “Tão iguais e tão diferentes”. Mostra uma imagem de uma professora com seus alunos pertencentes a várias etnias: alunos negros, brancos e pardos.

**Figura 10**



**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MIRANDA, Cláudia; RODRIGUES, Vera Lúcia. **Aprendendo sempre:** língua portuguesa, 3º ano. São Paulo: Ática, 2008.

O segundo texto desse mesmo livro trata da convivência com as diferenças, dos direitos e deveres das crianças. As imagens mostrando a nossa diversidade étnico-racial aparecem nesse livro como representatividade da nossa cultura. Tem tópicos que tratam a questão da diferença, da diversidade, mas não é algo tão contextualizado. No livro de língua portuguesa do 4º ano do Ensino Fundamental, destaca-se a unidade II, que é intitulada “Quem sou eu?”, trazendo na página 29, uma poesia de Pedro Bandeira, que trata da questão da identidade.

Há outro texto nesse livro denominado “O mundo é pequeno”, que aborda sobre os diferentes costumes das crianças ao redor do mundo. Ele traz as crianças em diferentes situações. Nesse texto, ao falar da Etiópia, um país africano, enfatiza como sendo um país muito pobre, de clima muito seco, por isso, muitos de seus habitantes passam fome como também dá ênfase um pouco aos costumes do seu povo.

Na unidade III desse livro, temos o texto intitulado “A cor de cada um”, que mostra através de uma imagem a nossa diversidade. Traz, em seguida, um trecho do texto de Gilberto Freire, da obra *Casa Grande e Senzala*, no qual o autor fala que “todo brasileiro, mesmo o

alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro...”

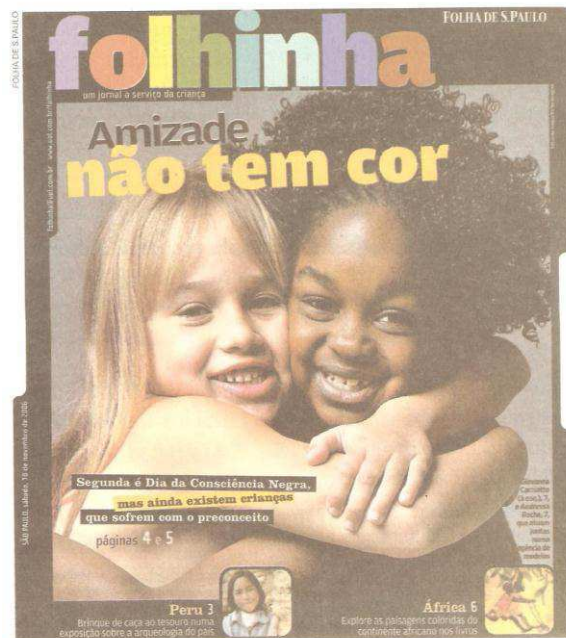
Nessa Unidade temos ainda outro texto intitulado: “Menina bonita do laço de fita”, escrito por Ana Maria Machado. É um texto muito bonito, que relata a história de uma menina negra em que o coelho branquinho admira muito a cor dela; e o coelho indaga a ela como faz para ficar da sua cor.

Esse é um texto pedagógico em que se pode trabalhar muito bem as questões étnico-raciais.

Outro texto, ainda desse livro, intitulado: “Brasil: população”, que trata da formação do povo brasileiro: de brancos, de negros, de índios, de orientais, etc.; sobre as misturas dessas várias raças.

No livro de língua portuguesa do 5º ano do ensino fundamental, na sua Unidade III, temos um texto intitulado “A amizade não tem cor”. Mostrando uma imagem de duas crianças: uma negra e outra branca abraçadas.

**Figura 11**



Folha de S.Paulo, 18 nov. 2006. Folhinha.

**Fonte:** IMAGEM EXTRAÍDA DE: MIRANDA, Cláudia; RODRIGUES, Vera Lúcia. **Aprendendo sempre:** língua portuguesa, 5º ano. São Paulo: Ática, 2008.

Essa imagem procura quebrar o tabu do preconceito racial, principalmente entre as crianças, já que essa imagem faz parte do caderno **A Folhinha** do Jornal **Folha de São Paulo**.

Além dessa imagem, o livro também fala sobre a África e sua cultura, porque é uma matéria publicada na véspera do Dia da Consciência Negra e traz essa matéria como parte dessa temática.

Nesse mesmo livro há outro texto com o título: “Preconceito: risque esta palavra do seu dicionário”. Aqui também há uma fotografia de uma criança negra e uma criança branca brincando numa banheira de bolinhas. Nesse texto temos a seguinte frase: “Não seja vítima nem vilã em uma história que quase nunca tem final feliz”.

Também esse texto aborda a questão do silêncio por parte das pessoas que sofre com o preconceito racial. Ou seja, refere-se à pessoas que, muitas vezes, tem medo de reagir a esse tratamento preconceituoso.

Outro aspecto interessante abordado pelo texto são os “apelidos que magoam” muito comuns entre os jovens na escola. Isso é um tema bastante interessante para se trabalhar nas escolas desde a infância para que, quando adulto, não se torne uma pessoa preconceituosa e intolerante com a diversidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada buscou-se descrever e analisar os livros didáticos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, delimitando-se as disciplinas de História e Língua Portuguesa, adotados na rede municipal de ensino em Cajazeiras/PB, estão abordando a imagem do negro e as relações étnico-racial e como essa abordagem está contribuindo para a formação do educando com a implementação da Lei 10.639/03.

Percebemos que houve uma significativa mudança no tocante à forma como os livros didáticos estão abordando a imagem do negro, sua relação com outros segmentos étnicos, trazendo uma discussão da história da vinda do povo africano para o Brasil, como se deu e a que condições eram submetidos.

Durante a análise dos livros didáticos foi possível constatar uma significativa transformação referente ao conteúdo e as imagens com relação à história e cultura negra, revelando assim mudanças significativas no tange a relação com outros grupos sociais, a valorização do legado cultural, a forma como trazem a própria imagem do negro e estando quase sempre sendo representado nas ilustrações dos livros analisados.

Tais mudanças são extremamente relevantes para a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-cultural e racial, se formos comparar com o estudo da autora Ana Célia da Silva, nos anos 80, também com os livros didáticos de Língua Portuguesa, que representava uma maioria branca e com status socioeconômico favorável em detrimento da desvalorização da imagem negro tratado de forma pejorativa, estereotipada e caricatural.

## REFERÊNCIAS

Bento, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Brasil/Mec. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília/DF, Junho, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Educação anti-racista: etnia e raça: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad.Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez.2005. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 de julho de 2014.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador, BA: CED,1995.

## OBRAS ANALISADAS:

MIRANDA, Cláudia; RODRIGUES, Vera Lúcia. **Aprendendo sempre: língua portuguesa, 3º ano**. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo sempre: língua portuguesa, 4º ano**. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo sempre: língua portuguesa, 5º ano**. São Paulo: Ática, 2008.

PRADO, Angelica; HÜLLE, Cristina. **Projeto Prosa: letramento e alfabetização linguística, 1º ano**. São Paulo: Saraiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Projeto Prosa: letramento e alfabetização linguística, 2º ano**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MARTINS, Dora, PÉCORÁ, Marlene, VESENTINI, J. William. Aprendendo sempre. História 2º ano. São Paulo: Ática, 2012, 5ª impressão.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo sempre.** História 3º ano. São Paulo: Ática, 2010.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo sempre.** História 4º ano. São Paulo: Ática, 2010.

\_\_\_\_\_. **Aprendendo sempre.** História 5º ano. São Paulo: Ática, 2012, 6ª impressão.